

Entrevista com André Martin sobre o Meridionalismo

Dídimo Matos¹

D.M. – Boa tarde a todos, boa tarde prof. André.

D.M. – Prof. André é professor livre-docente e chefe do Departamento de Geografia da USP, e como disse o prof. Alexander Dugin, o maior geopolítico brasileiro. Nós vamos fazer algumas perguntas e a primeira delas é: o que é meridionalismo?

A.M. – Em poucas palavras, eu diria que o meridionalismo, na minha concepção, é a teoria da emancipação dos povos do Sul, dos povos colonizados, contra uma herança de colonização de 500 anos.

Essa herança, ela se traduz hoje pela incapacidade dos países meridionais, dos países do hemisfério Sul, de serem atores protagonistas na política internacional. Estes países, todos do hemisfério Sul, ou têm sido pacientes, vítimas das decisões que são tomadas no Norte ou, no máximo, têm sido coadjuvantes. É chegada a hora de que um ponto de vista próprio, autônomo, destes povos que sofreram a colonização dos países do Norte se faça presente nessa quadra histórica em que nós estamos vivendo.

D.M. – Obrigado por esse esclarecimento acerca do que é o meridionalismo. Uma outra coisa que precisamos saber é a seguinte: Dado que o meridionalismo é uma geopolítica para o Sul, ela serve como ideologia geopolítica para o Brasil?

A.M. – Eu diria que ela seria exatamente o fio condutor de uma política exterior, de uma política estratégica, de um planejamento de um desenvolvimento nacional que hoje o Brasil não tem condições de definir. Eu acho que há uma questão de duplo sentido: nem o Brasil é capaz de dentro para fora de definir o seu destino, nem tampouco o mundo de fora para dentro é capaz de resolver os grandes problemas contemporâneos sem o concurso autônomo do Brasil. Então, é uma convergência histórica, na minha opinião. Não se trata de nenhuma invenção genial, nem nada disso. Acho que é uma descoberta de uma condição, a condição dos povos meridionais é exatamente de não ter o poder, a influência na política mundial. A situação do Brasil é de uma potência

¹ Entrevista realizada por Dídimo George Matos na residência do prof. André Roberto Martin, em São Paulo, na data de 15 de abril de 2013. Disponível em http://www.youtube.com/channel/UC2DYr3cZaoHmB3rrlAD_vpg.

em ascensão que também pretende ser mais participante na condução dos destinos da humanidade. As duas coisas estão convergindo e este é um momento histórico de que os povos do Sul necessitam para claramente dizerem para a humanidade sua visão dessa mesma humanidade.

D.M. – Muito obrigado mais uma vez. Uma última pergunta: O professor Alexander Dugin, um geopolítico russo que tem ganho prestígio e tem sido discutido nas universidades do mundo inteiro, esteve aqui no Brasil, esteve na USP junto com o senhor, e a pergunta é: Se é possível que aquilo que o senhor defende (o meridionalismo) e aquilo que ele defende (o eurasianismo) - que numa rápida explicação é a retomada da divisão de Haushofer em quatro grandes eixos internacionais -, podem ser relacionados, ou seja é possível uma aliança entre o meridionalismo e o eurasianismo?

A.M. – Eu acredito que sim, porque hoje no mundo me parece que não existe mais do que três possibilidades de ideologias de grande alcance regional. Uma delas, o ocidentalismo ou atlantismo, que é conhecido pelo globalismo liberal, neoliberal; outra, o eurasianismo - que justamente Dugin é a figura mais proeminente -, uma concepção completamente adversa. mais autárquica, mais voltada para o desenvolvimento interno, para a defesa da tradição e não da modernidade. E o hemisfério Sul como que ficou submetido a essas duas influências: e pelo seu caráter ambíguo, ambivalente, anfíbio, nem marítimo como o atlantismo neoliberal, nem terrestre como o eurasianismo, o meridionalismo é uma terceira possibilidade. Então eu analiso que hoje há no mundo essas três grandes geoideologias em combate.

D.M. – Obrigado professor, pelas explicações e pela entrevista.

Recebido em julho de 2014.

Publicado em agosto de 2014.